



Economia Brasil

Equipe econômica discorda de Kandir

Economistas consideram previsão de crescimento entre 7% e 9% exagerada

Regina Alvarez

Enviada especial

• WASHINGTON. A previsão de crescimento da economia entre 7% e 9%, num prazo de quatro anos, feita pelo ministro do Planejamento, Antonio Kandir, é vista com ceticismo pelo resto da equipe econômica. Mesmo se a emenda da reeleição passar no Congresso e as reformas Administrativa e da Previdência forem aprovadas no ano que vem, a equipe considera que a hipótese mais otimista de crescimento seria entre 6% e 7%. Mas para atingir essa meta, seria preciso zerar, em dois anos, o déficit operacional, que está em torno de 3,5% do PIB. As reformas, dizem eles, serviriam como importante sinalização para atrair investidores e impulsionar o desenvolvimento.

A equipe do ministro da Fazenda, Pedro Malan, concorda que a possibilidade de reeleição de Fernando Henrique Cardoso é um componente significativo na geração de expectativas positivas para a economia. Eles ressaltam, entretanto, a necessidade de enfrentar o desafio do déficit.

Mendonça de Barros defende aumento da poupança interna

O secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, que também está em Washington, preferiu não fazer previsões sobre o crescimento da economia no curto prazo. Na sua opinião, para que o crescimento seja sustentado é preciso que a poupança interna passe dos atuais 17% do PIB para algo em torno de 25%, além da necessida-

de de uma redução drástica do déficit público.

Para tentar zerar o déficit o Governo lança em novembro um pacote de medidas de ajuste, que inclui a extinção e privatização de empresas públicas, programas de demissão voluntária para 40 mil funcionários públicos e redução drástica dos benefícios desses funcionários. Com o pacote, o Governo espera economizar cerca de R\$ 2,5 bilhões que seriam usados para abater a dívida interna.

Pacote do Governo inclui redução do tamanho de estatais

Segundo o secretário de Política Econômica, o pacote prevê, em alguns casos, a redução do tamanho das empresas públicas. Como exemplo, citou a Conab, que deverá ter seu quadro reduzido de seis mil para cerca de três mil funcionários. O modelo a ser usado pelo Governo para enxugar suas empresas é o da Rede Ferroviária Federal, considerado o mais bem sucedido processo de privatização de empresa deficitária. Um estudo da Secretaria de Política Econômica (SEPE) prevê que sejam mantidos apenas 700 funcionários. A empresa ficará reduzida a uma holding para fiscalizar contratos e administrar ativos e passivos remanescentes.

No início de 1994, a empresa tinha um quadro de 46 mil empregados e ficará com 13.039 empregados após a transferência dos funcionários da malha Sudeste para a iniciativa privada, o que acontecerá em poucos dias. Além disso, a desestatização estancou uma previsão de déficit de R\$ 350 milhões anuais da empresa. ■